

## COMUNICAÇÃO NA ROCINHA: UMA ETNOGRAFIA DA E NA PERIFERIA

Isabel Siqueira Travancas<sup>1</sup>  
Caroline Belo Cunha dos Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

A Rocinha é a maior favela do Brasil. Está localizada na Zona Sul do município do Rio de Janeiro e sua população é de cerca de 120 mil habitantes. Seu índice de desenvolvimento humano (IDH) no ano 2000 era de 0,732 — o 120º colocado entre 126 regiões analisadas no Rio —, sendo um local onde muitas famílias vivem em extrema pobreza. Nosso objetivo é apresentar uma pesquisa em fase inicial sobre informação e fake news entre os jovens da Rocinha. Nesse sentido, o trabalho de campo já começou e também a etnografia com jovens de 18 anos ou mais que moram na comunidade. A entrada no campo foi realizada através de relações pessoais das pesquisadoras com moradores/as do bairro. Como pré-resultados, já realizamos algumas visitas ao território, aplicamos cerca de 20 questionários e desenvolvemos um trabalho de observação participante do espaço físico e simbólico.

**Palavras-chave:** Rocinha, Favela, Território, Comunicação, Etnografia.

### INTRODUÇÃO

A Rocinha tem uma população estimada em 120 mil habitantes. A região tem uma grande variedade de comércio e serviços, imóveis residenciais e, em outras áreas, casas de madeira em situação de risco e sem infraestrutura. O índice de desenvolvimento humano (IDH) no ano 2000 era de 0,732, o 120º colocado.

Nesse sentido, desenvolver um estudo sobre as práticas dos públicos da Rocinha é um desafio principalmente pela sua dimensão. O objetivo do projeto é saber como os jovens se informam, quais as dificuldades de acesso à informação e também sua relação com os veículos, as plataformas e as redes. Realizamos uma entrada no campo por meio de contatos pessoais com os moradores para observar o bairro, a sua organização e a estrutura.

A partir disso, desenvolvemos a observação participante do espaço físico e simbólico, buscando encontrar interlocutores locais para entrevistar homens e mulheres jovens. Faz parte também do objetivo do projeto conhecer a comunidade em termos geográficos, sociais e culturais. E, por ser identificada como uma "favela", é relevante entender seu significado para os jovens moradores e problematizar o conceito a partir da escuta dos informantes.

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ, Doutora em Literatura Comparada pela UERJ e Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, [isabeltravancas@gmail.com](mailto:isabeltravancas@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação e Cultura na Escola de Comunicação da UFRJ, [carolinebelocs@gmail.com](mailto:carolinebelocs@gmail.com).

Como objetivo, buscamos conhecer os jovens da Rocinha e sua identificação com o lugar. Buscamos, através da imersão na Rocinha, conhecer as práticas de consumo midiático dos jovens locais. A pesquisa tem caráter exploratório e descritivo, utiliza ferramentas metodológicas quantitativas – os questionários – e qualitativas – as entrevistas – para conhecer os jovens locais.

## DESENVOLVIMENTO

Esta pesquisa tem como formulação teórico-metodológica a etnografia que inclui entrevistas e observação participante para compreender os “nativos” da Rocinha. Buscamos conhecer e aprender sobre este “outro”, sua relação com a seu “lugar” assim como seu estilo de vida e visão de mundo.

O objetivo principal deste estudo é investigar como os jovens se informam, como diferenciam as informações verdadeiras das *fake news* — e como transmitir aos outros/as. Buscamos observar também se há uma homogeneidade no universo juvenil no seu cotidiano, nos seus interesses e na sua visão de mundo.

Em primeiro lugar, fizemos um reconhecimento do espaço, circulando pela Rocinha, conhecendo sua geografia, buscando contatar os/as jovens. A primeira aproximação foi na Biblioteca Parque da Rocinha onde aplicamos questionários com jovens na rua, nos bares e nas lojas. Nossa intenção foi saber como eles/as se informam, por meio de quais veículos, aplicativos e meios de comunicação em geral e se há grupos que analisam e discutem as *fake news*.

Nesta primeira ida à Rocinha, foi realizada uma observação participante, circulamos pelas ruas para conhecer a favela, seu espaço e seu comércio. Para isso, seguimos a orientação do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1993) que, em seu artigo “Olhar, ouvir e escrever”, apresenta o trabalho de campo e as atividades do pesquisador. Nossa proposta é conversar com os jovens nas ruas, na Biblioteca Parque, nas escolas, entre outros lugares.

A etapa seguinte será a realização de entrevistas em profundidade com cerca de vinte informantes de diferentes lugares da Rocinha para ouvi-los e conhecê-los melhor. Com relação à amostra, será composta por indivíduos maiores de 18 anos, de diferentes idades. Já as entrevistas desde uma pequena biografia assim como sua relação com a Rocinha.

O uso da mídia e das redes sociais é outro ponto importante do trabalho. No campo realizaremos uma etnografia virtual com os jovens que seguem as redes sociais, em particular o Facebook e o Instagram. A ênfase nas redes sociais segue uma metodologia testada por

Tredan (2012) em seu estudo sobre o mundo dos blogues na França, por exemplo. As redes sociais são espaços de mediação e circulação de informações on-line e off-line e também de discussão.

A interpretação dos dados será resultado da observação etnográfica, das entrevistas e também da análise da participação e do uso das redes sociais como aborda Recuero (2016). Os principais indicadores são: a) os perfis dos usuários, identificando os mais ativos; b) o volume e o tipo de conteúdo difundido e as reações provocadas, assim como os momentos de silêncio e de atividade; c) a temática das mensagens, os tipos de formato utilizados — texto, link, imagem/emojis/gifs, áudio, vídeo —, as fontes das mensagens e os padrões de replicação e compartilhamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

Este estudo busca encontrar respostas para diversas perguntas que orientam esta pesquisa. Como se vêem os jovens da Rocinha? Quais os preconceitos que enfrentam, não apenas de raça e cor como de pertencimento? Como se informam, como conferem informações e de que maneira enfrentam as *fake news*? Para isso, buscamos nos aproximar deles, ouvi-los, observá-los e entendê-los no seu contexto e na sua visão de mundo.

Pretendemos analisar os dados da pesquisa etnográfica, da observação participante no campo e das relações que se estabelecem entre os jovens nativos da Rocinha. Este estudo se encontra em fase inicial e faz parte de uma investigação mais abrangente e de dimensão internacional. No entanto, podemos concluir destacando a necessidade de explorar este universo em uma perspectiva etnográfica, chamando a atenção para a diversidade dos mundos sociais (PEREIRA, F. 2017, 2020))

A Rocinha ainda é uma localidade vista como pobre e perigosa, sujeita à a violência, entre outros preconceitos, por ser a maior favela do Brasil e merece ser estudada e compreendida.

## REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, C. *Abusado – o dono do Morro Dona Marta*. RJ: Record, 2014.
- BOULIER, D. (2004). La fabrique de l'opinion publique dans les conversations télé. *Réseaux*, (126), 57-87, 2004. <https://www.cairn.info/revue-reseaux1-2004-4-page-57.htm>
- CIPRIANO, André. *Rocinha*. RJ: Senac, 2005.

- CEFAI, D. et PASQUIER, D. (2003). Introduction. In: D. Cefaï et D. Pasquier (dirs.), *Les Sens du public. Publics politiques, publics médiatiques* (pp. 13-59). Paris: Presses Universitaires de France.
- DAYAN, D. (1992). Les mystères de la réception. *Le Débat* (71), pp. 146-162. <https://doi.org/10.3917/deba.071.0141>
- DEWEY, J. *Le public et ses problèmes*. Paris: Gallimard, 2010.
- DI MEO, G. (1996). *Les territoires du quotidien*. Paris: L'Harmattan, coll. Géographie sociale.
- HAMMERSLEY, M. & ATKINSON. *Etnografia*. Petrópolis: Vozes, 2022
- LUDEMIR, Julio. *Sorria, você está na Rocinha*. RJ: Record, 2004.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (org.) *Vida sob cerco: violência e rotinas nas favelas do Rio de Janeiro*. RJ: Nova Fronteira, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme & TORRES, Lilina (orgs.) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. SP: Edusp, 1996.
- MEIRELLES, R. & ATHAYDE, C. *Um país chamado favela*. SP: Gente, 2014
- MOURA, D. O.; PEREIRA, F. H.; ADGHIRNI, Z. L.. *Mudanças e Permanências do Jornalismo*, Florianópolis, 2015.
- OLIVEIRA, R. C. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever". IN: *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, 1996, v. 39, nº 1.
- PEIRANO, M. "Etnografia não é método". In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 337-391, jul-dez.2014.
- PEREIRA, F. H.; ROCHA, P. M.; GROHMANN, R.; LIMA, S. P.. *Novos olhares sobre o trabalho no jornalismo brasileiro*, Florianópolis, 2020.
- PEREIRA, FÁBIO. Os critérios de noticiabilidade e sistema de convenções: uma abordagem beckeriana aplicada à sociologia do jornalismo, In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, São Paulo, 2017.
- RECUERO, R. (2016). Métodos mistos: combinando etnografia e análise de redes sociais em estudos de mídia social. In: B. Campanella et C. Barros (dirs.), *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos* (pp. 117-132). Rio de Janeiro: E-papers.
- RIPPEL, Nathália; SANTOS, C. B. C. Do Canindé ao Complexo do Alemão: uma análise do sentido de ser 'favelado' na literatura marginal das periferias da região Sudeste do Brasil. *Revista Amerika*, ISSN 2107-0806. v. 28, p. 1. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/amerika/19400>. Doi: <https://doi.org/10.4000/12225>. Publicado em 20 de junho de 2024.

SILVA, Luis Antonio Machado. *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. RJ: Nova Fronteira, 2008.

TRAVANCAS, I. “Fazendo etnografia no mundo da comunicação” IN: *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. SP: Atlas, 2006. p. 98-109.

\_\_\_\_\_. *Juventude e televisão*. RJ: FGV, 2005.

\_\_\_\_\_. *A experiência da leitura entre adolescentes – Rio de Janeiro e Barcelona*. Curitiba: Appris, 2020

UNICEF. *Rocinha, mães e vidas*. RJ: Alhambra, 1985.

VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela*. RJ: FGV, 2015.

VELHO, Gilberto & KUSHNIR, Karina. *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. RJ: Zahar, 2003.

WOLF, Fausto. *Rio de Janeiro: um retrato (a cidade contada pelos seus habitantes)*. RJ: Fundação Rio, 1990.

ZALUAR, Alba. & VELHO, Gilberto. (orgs.) *Um século de favela*. RJ Ed. FGV, 2003.